

O PAISAGISMO: CONTRIBUIÇÕES ITALIANAS À VISÃO BRASILEIRA

*Ruth Sprung Tarasantchi **

Resumo: Presença de artistas italianos em São Paulo na virada do século e sua contribuição à pintura brasileira.

Palavras-chave: arte brasileira, pintura, paisagem.

No último quartel do século passado, São Paulo recebeu grande quantidade de imigrantes europeus, especialmente italianos, que contribuíram para o crescimento da cidade, expansão do comércio e da indústria. Os fazendeiros também estavam mudando-se para a cidade e surgiram novos bairros residenciais como Campos Elísios, Higienópolis, Cerqueira César. Em 1900, começaram a ligar a luz elétrica, construíram a Estação da Luz; já haviam sido inauguradas a Escola Politécnica e a Escola Caetano de Campos. O Liceu de Artes e Ofícios estava sob a direção de Ramos de Azevedo desde 1895. Como o seu escritório de arquitetura tinha necessidade de produtos artesanais, para sanar este problema, Ramos de Azevedo trouxe artistas e artesãos da Itália para lecionarem no Liceu. Podiam ser encontrados o escultor Amadeu Zani, o pintor Enrico Vio, além de pintores da terra como Pedro Alexandrino, Oscar Pereira da Silva.

Em 1911, foi inaugurado o Teatro Municipal. Foram seus construtores Ramos de Azevedo e Domiciano Rossi. A decoração ficou a cargo de Oscar Pereira da Silva e Claudio Rossi.

A cidade, apesar de estar crescendo rapidamente, era ainda muito provinciana, com poucos pontos de encontro para troca de idéias. Em geral, discutia-se nos cafés, redações de jornais e revistas. Era nestes locais que muitos artistas mostravam suas telas pois não havia galerias de arte na cidade. Algumas vezes, eram aproveitadas as vitrines de lojas para colocar quadros, ou então o artista alugava uma sala em algum prédio prestes a ser demolido e, portanto, vazio. Os estrangeiros expunham, em geral, nos salões dos hotéis, anunciando nos jornais o evento.

Viviam em São Paulo, na virada do século, Pedro Alexandrino, pintor de naturezas mortas, Oscar Pereira da Silva, admirado pelos quadros de temática his-

* Pesquisadora; doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes, USP.

TARASANTCHI, Ruth Sprung. O paisagismo: contribuições italianas à visão brasileira.

tórica e cenas da vida burguesa; ambos tinham estudado na Academia Imperial de Belas Artes. Em Santos, vivia Benedito Calixto, o pintor das praias; a francesa Bertha Worms, além de pintar retratos de personalidades, tinha aberto uma escola de pintura.

Eram vários os pintores italianos na época. Os primeiros a chegar foram Rosalbino Santoro, Antonio Ferrigno, Alfredo Norfini, Carlo de Servi. Os artistas sempre se sentiram atraídos pelos países longínquos, e o Brasil era muito procurado pela sua exuberante natureza e costumes diversos dos europeus. Por isso, foram os estrangeiros que pintaram nossos recantos, que depois se espalhavam pela Europa, ávida de conhecer terras novas. Os italianos, no fim do século passado, passavam longas temporadas nos interiores pintando fazendas, mas estes quadros ficavam no Brasil, pois eram encomendas dos próprios fazendeiros desejosos de perpetuar suas propriedades. Rosalbino Santoro e Antonio Ferrigno, além de registrar fazendas, documentavam cenas urbanas com interessantes construções que não existem mais.

Antonio Ferrigno pintou uma série de quadros mostrando as várias fases do café, desde a florada até a colheita e o embarque. O sucesso foi tal, que pediram que repetisse a mostra; hoje essas telas se encontram no Museu Paulista. Ferrigno, que tinha vindo para São Paulo em 1893, participou dos poucos eventos artísticos da época, como a Primeira Exposição de Arte em 1902. Era já artista reconhecido na Itália e seus quadros tinham grande aceitação entre nós, pois agradavam o colorido vivo, os reflexos e a preocupação de luz e sombra, além do desenho correto e fatura desenvolta. Pintou cenas de praia, olarias, casa de pau-a-pique, trechos de jardim, arrabaldes. Em 1905, voltou para a Itália e temos notícia dele ainda em 1914, quando participou do Salão dos Independentes, em Paris.

Rosalbino Santoro, originário de Cosenza, estudou em Nápoles e chegou ao Brasil em 1885, fixando-se no Rio de Janeiro. Assustado pela epidemia de febre amarela, refugia-se em São Paulo, indo lecionar no Liceu de Artes e Ofícios. Tinha exposto no Rio o quadro **Desfolha do milho**, na Exposição Nacional de Belas Artes. Era muito ativo na colônia italiana, participando de todos os eventos sociais. Seus quadros não tinham grandes contrastes de cores, mas era muito apreciado especialmente quando mostrava cenas de lavadeiras, bandeira do divino ou fazendas.

Outro pintor que viveu entre nós por quase vinte e cinco anos foi *Carlo de Servi*. Chegou em 1896, logo começou a lecionar pintura e pintou inúmeros excelentes retratos (na galeria do Palácio do Governo, podem ser vistos os que fez dos vários Governadores de Estado). Quando as encomendas rareavam, para sobreviver decorou várias mansões. Pintou o teto do teatro São José de Piracicaba, um painel para o saguão da Vila Penteadó, decorou a Catedral de Manaus e executou retratos para a Galeria Municipal de Belém do Pará. Carlo de Servi pertencia a uma

família de pintores e era natural de Lucca. Antes de vir ao Brasil, tinha ido para Buenos Aires com o irmão Luigi, pintor de afrescos.

A pintura de Carlo de Servi era de tons alegres, pinceladas largas; muitas vezes, o pintor não acabava o quadro ou então deixava o fundo somente esboçado. Este modo de apresentar uma tela era muito avançado para os compradores paulistas que achavam que ela era inferior a uma francesa, acabada e com muitos detalhes. Nossos colecionadores, ao visitar a França, traziam obras de arte para decorar suas casas, mas procuravam quadros de pintores que seguiam as lições da academia e jamais trouxeram trabalhos das novas correntes. Os pintores italianos vindos para cá provinham das escolas de Posillipo (Nápoles), Lucca, Florença e estavam acostumados a pintar ao ar livre quando se tratava de uma paisagem, o que tornava seus quadros mais luminosos e espontâneos, sem a preocupação de muitos detalhes, especialmente no fundo.

Alfredo Norfini, um dos raros aquarelistas que vieram para São Paulo, pintava com muita segurança e espontaneidade. Como não retocava, suas aquarelas eram claras e conseguia leveza, que é uma das qualidades da técnica. Norfini pertencia também a uma família de pintores e estudou na Academia de Lucca, onde seu pai era diretor e lecionava pintura de batalhas. Norfini também esteve na Argentina, antes de se fixar no Brasil. Era comum, na época, pintores viajarem pelos vários países da América Latina, curiosos de conhecer regiões novas e para eles cheias de novidades, tanto na fauna e flora, como nos costumes. Muitos escolhiam a Argentina em primeiro lugar, onde era grande o número de imigrantes italianos, talvez por terem familiares ou conhecidos.

Norfini tinha feito amizade com um major brasileiro que o convenceu a mudar-se para o Brasil, onde teria mais oportunidades como pintor. Esperançoso, chegou com a mulher e a filha em Santos, onde encontrou a febre amarela. Assustado, nem subiu para São Paulo, foi refugiar-se em Campinas, na época uma cidade próspera por estar em plena zona cafeeira; além de lecionar, começou a viajar pelas vizinhanças, sempre pintando. Animado, organizou em 1903 a primeira exposição de pintura da cidade. A exposição de Artes e Arte Aplicada teve muito sucesso e foi noticiada nos periódicos de São Paulo. Coelho Neto foi o conferencista e a pequena Guiomar Novais tocou piano na inauguração. Com a crise do café, Norfini muda-se para a Capital do Estado em 1907. Viaja um tempo para a Europa e Egito, onde faz inúmeros desenhos de árabes que, uma vez no Brasil, transformará em quadros muito procurados pela colônia aqui radicada. Grande viajante, esteve em quase todo o país, sempre pintando e fazendo exposições nos vários lugares que visitava: Recife, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Sabará, Ouro Preto. Destas últimas cidades, trouxe aquarelas de construções barrocas, igrejas, casarios, detalhes de janelas, chafarizes. Ao expor esses quadros em São Paulo, teve muito sucesso, especialmente entre os arquitetos que estavam procurando uma arquitetura barro-

TARASANTCHI, Ruth Sprung. O paisagismo: contribuições italianas à visão brasileira.

ca, que depois aproveitaram no estilo neocolonial. Em 1922, foi publicado o livro **Velho Brasil. Época colonial. Minas Gerais**, onde se podem ver alguns desses desenhos a bico de pena e aquarelas.

O artista, um homem alegre, comunicativo, alto, olhos claros, bigodes, era muito benquisto pela sociedade paulistana. Lecionou durante vinte e dois anos no Liceu de Artes e Ofícios, ilustrou a revista **Renascença** e pintou uma série de árvores do Brasil para o Horto Florestal. Gostou tanto da experiência, que continuou por longo tempo pintando estudos de árvores, colocando o nome científico ao lado. Difícil enumerar todas as temáticas que pintou: cenas de costumes regionais, índios, paisagens do Brasil afora, marinhas, plantas. A pincelada rápida, visível, cor fiel ao tema e muitas vezes dando asas à imaginação é o que este artista nos deixou. Morreu no Rio de Janeiro, para onde tinha se mudado nos últimos anos de vida.

Pintores viajantes

Além dos artistas citados, muitos eram aqueles que apareciam em São Paulo para expor seus quadros executados na Itália. Eram marinhas de tons alegres, anoiteceres coloridos, paisagens calmas e bucólicas ou cenas familiares. Costumavam ficar alguns meses, aproveitando para pintar nossas paisagens ou retratos. Era costume nas casas de pessoas de posse colocar o retrato de algum dos familiares atrás do sofá, ou, na biblioteca, o do dono da casa. Muitos artistas recebiam encomendas de retratos que acabavam fazendo mesmo se não era essa a sua especialidade, sendo esse o motivo de encontrarmos tantos de pouco valor artístico. O que não foi o caso de **Angelo Cantú**, que visitou São Paulo em 1913, expôs paisagens, animais, retratos e estudos de figura. Logo se tornou conhecido como retratista e recebeu muitas encomendas. Entre outros, fez o retrato de Freitas Valle e do pintor amigo Pedro Alexandrino. Voltou ao Brasil em 1921, demorando-se dessa vez quase dois anos. **Nicola Fabbriatore** e **Nicola de Corsi** também vieram em 1911 e 1912 com suas paisagens italianas, obtendo muito sucesso, tanto na colônia italiana, como entre os colecionadores da terra. **Silvio Graziani** veio em 1908 e **Pedro Galbiati** em 1911, ficando vários anos.

A nova safra de pintores italianos crescidos no Brasil

A cidade de São Paulo deve muito do seu crescimento aos mestres-de-obras italianos. Foram eles os seus arquitetos na maior parte das construções. Os filhos seguiam freqüentemente seus passos e para aprender melhor o ofício freqüentavam

o Liceu de Artes e Ofícios. Aprendiam marchetaria, trabalhos em madeira e ferro, tudo o que era necessário para a construção. Os professores vindos da Itália eram artesãos e artistas, sendo que vários tinham seu ateliê no próprio Liceu. Assim, durante muitos anos, os jovens alunos, em grande maioria de origem italiana, conviveram com artistas como Enrico Vio, Alfredo Norfini, com os escultores Amadeu Zani, Giulio Starace, Ettore Ximenes. Alguns seguiram o caminho das artes, como Tulio Mugnaini, Torquato Bassi, Enrico Manzo, Adolfo Fonzari, Angelo Simeone. Todos eles, uma vez terminado o curso iam especializar-se na Itália, com o pouco dinheiro que a família podia enviar. Havia ainda aqueles que nem pensavam em frequentar o Liceu e, logo que tinham idade, seguiam para a terra de origem, como Giuseppe Perissinotto, Umberto Della Latta, Aladino Divani.

Tulio Mugnaini, uma vez formado no Liceu, trabalhou com vários pintores decoradores (Gino Catani, Fonzari, Pangelli) e foi assim que conheceu Benedito Calixto e Oscar Pereira da Silva que estavam trabalhando nas mesmas igrejas. No tempo livre, pintava arredores de São Paulo e em 1913 fez sua primeira exposição individual. Tinha tentado a bolsa para ir estudar no exterior, mas, como não conseguiu, foi à Itália com a ajuda do pai, enviando telas que este vendia em pequenas exposições colocadas em diversos pontos da cidade. Lecionava também para as senhoritas da nobreza italiana. Estudou em Florença, Roma e, durante a Primeira Guerra Mundial, em vez de retornar ao Brasil como fizeram todos os seus colegas, refugiou-se em Gênova na casa de familiares. Vários artistas paulistas tinham visto seus quadros e mandaram cartas de incentivo, elogiando-o.

Ao retornar em 1920, trouxe grande número de quadros, que expôs com sucesso. Acabou recebendo a bolsa e resolveu viajar em seguida, só que desta vez foi a Paris. Estudou na academia Julian, tendo convivido com os colegas brasileiros que também estavam por lá. Era seu costume frequentar todas as tardes o Café La Rotonde e discutir arte com José Wash Rodrigues, Monteiro França, Alipio Dutra, Campão, O. Pinheiro. Seu progresso foi tão rápido que concorria todos os anos ao famoso Salão de Paris e conseguia ser aceito com dois quadros, o que era um portento, tamanho era o número de candidatos. Viajou pela Europa e escolheu a Córsega e Espanha como lugares preferidos para pintar portos, pescadores, em tons claros, vibrantes, dourando com luz suave os cantos mais humildes. Em 1928, estava finalmente de volta, tendo Tarsila apreciado suas tintas limpas, intensas, talvez irrimavelmente lindas, chamando-o, em um texto que escreveu, de “poeta lírico das cores bonitas”

Tulio Mugnaini voltou várias vezes para a Europa, pintou em São Paulo a igreja do Carmo, executou para a Gráfica Lanzara desenhos sobre os transportes através dos séculos e viajou para Sabará e Ouro Preto. Tinha seu ateliê no Palacete Santa Helena, mudando-se mais tarde para a Vila Mariana. Expunha, quase todo

TARASANTCHI, Ruth Sprung. O paisagismo: contribuições italianas à visão brasileira.

ano, paisagens, nus, naturezas mortas, flores. Gostava de escrever, tendo publicado biografias de muitos dos pintores paulistas por ocasião de sua morte no jornal **A Gazeta**. Foi diretor da Pinacoteca do Estado durante 20 anos.

Mas, nem tudo foi cor-de-rosa na sua carreira. Teve uma grande querela pelos jornais com o pintor Clodomiro Amazonas, que não considerava sua pintura brasileira, pois achava que suas cores eram européias e que ele não conseguia captar as cores de nossa natureza. Tulio respondeu várias vezes, chegando a confessar que realmente tinha dificuldade em reproduzir as cores tropicais, mas estava esforçando-se e no fim da carreira pintava com toda a riqueza dos tons quentes. Essa querela fez com que os artistas da cidade se unissem em volta dele, criando um grupo denominado “Chove no molhado” Havia certa desconfiança para com os artistas de origem estrangeira, por isso muitos deles procuravam mudar o nome, abrasileirando-o. Assim, Tullio Otello Mugnaini tornou-se Tulio Mugnaini. **Giuseppe Perissinotto** ficou sendo José Perissinotto.

Este último, nascido em Veneza viveu no interior enquanto pequeno, onde seu pai trabalhava como construtor. Adolescente, a família mandou-o para Veneza em 1902 estudar no Instituto de Belas Artes. Em seguida, ele mudou-se para Florença onde estudou com Giovanni Fattori um dos pintores mais proeminentes do grupo dos *macchiaioli*. Giuseppe Perissinotto voltou pintando cenas urbanas e paisagens de tons leitosos, cor baça. Uma vez no Brasil, viajou para Minas, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, onde focalizou trechos de cidade, além de suas famosas rosas e naturezas mortas. Aceito pela burguesia italiana, recebia constantes elogios nos periódicos da colônia.

Perissinotto pintou o teto do Teatro Oberdan (hoje a pintura está apagada) e, em 1919, abriu a Escola do Brás, onde muitos jovens aprenderam a pintar. Foram seus alunos mais tarde os fundadores do Salão Paulista. Com o tempo as cores foram mudando, ficando mais alegres, às vezes com excesso de cor, mas sempre com um colorido pessoal, céus lilases, zonas iluminadas e sombras não intensas. Sua pincelada pequena e rápida, tinta pastosa, deixa seus quadros, em geral de formato pequeno, agradáveis tanto nas marinhas como nas vistas. Entretanto Perissinotto ficou esquecido por longo tempo, sendo quase desconhecido. Ultimamente, resgatado por uma galeria com duas grandes exposições e catálogos, é cobinado por muitos colecionadores. Não é o único pintor a ser relançado no mercado com sucesso. Mas, ainda há muitos que esperam que se faça justiça ao seu nome. Torquato Bassi é um deles.

Torquato Bassi veio menino com a família para São Paulo. Depois de ter estudado no Liceu, continuou com Oscar Pereira da Silva. Homem alegre, brincalhão, dado, conseguia ser amigo de todos os pintores apesar de costumar enfezar-se facilmente, usando então sua bengala como arma. Tipo folclórico, foi caricaturado inúmeras vezes nos periódicos da colônia.

Sua temática preferida era a paisagem, em que focalizou inúmeros portos com o pôr-do-sol resplandecendo ao fundo, ou manhãs nebulosas, ou o Horto Florestal, ou ainda dias claros com paisagens com poucos elementos, onde a cor e a luz eram os personagens mais importantes. Hoje Bassi é mais lembrado pelas duas grandes exposições que organizou em 1911 e 1912. Participaram delas artistas do Rio de Janeiro e de São Paulo e foi quando a Pinacoteca do Estado adquiriu grande parte dos quadros que constituiu seu acervo na época. Empreendedor, foi o primeiro artista a viajar pelas cidades do interior do Estado, levando quadros dele e de muitos outros pintores. Deste modo, muitas cidades tiveram ocasião de conhecer o que se pintava na Capital.

Em 1928, reuniu um grupo de artistas, fundando o Grupo Almeida Jr., com o fim de expor quadros de todos. Como a época era de vacas magras, organizou uma “Mostra de quadros pequenos”, no Teatro Municipal. Depois de ver todos vendidos, organizou outra na Galeria das Arcadas, com quadros de formato grande. Participaram das exposições os cariocas Visconti, Lucilio e Georgina de Albuquerque, Edgar Parreiras, Hélio Seelinger, Bernardelli, Pedro Bruno, Timotheo da Costa e os paulistas Pedro Alexandrino, Paulo Valles Jr., Lopes de Leão, Antonio Rocco, Theodoro Braga, Oscar Pereira da Silva, Mugnaini e, claro, Toquato Bassi. Bassi viajou pelo Brasil afora, expondo e pintando nos locais. Tinha em São Paulo um ateliê onde lecionou durante muitos anos. Seus quadros, hoje raramente vistos nos leilões, são logo reconhecidos pela riqueza das cores, céus com tons violentos, luz cintilante ao anoitecer ou cinzas leitosos e poéticos. No fim da vida, obrigado a ficar no leito por causa de um desastre sofrido, aprendeu escultura com o amigo Prati, fazendo pequenas peças interessantíssimas onde predominam animais pequenos ou grupos de figuras.

Mais pintores italianos chegam a São Paulo

Pintores italianos continuaram fixando-se em São Paulo. Antes da Primeira Guerra Mundial, chegou o elegante *Antonio Rocco*. Veio trazendo quadros de temática social: **Os mineiros** e **Imigrantes**, premiados em Nápoles, onde estudou. Aqui também os jornais elogiaram as obras, entretanto ele não conseguia vendê-las. Depois de vários anos de espera, a Pinacoteca do Estado adquiriu os **Imigrantes**. Rocco, para sobreviver, teve que pintar quadros que a nossa burguesia queria colocar em suas salas: jovens bonitas com xales nas costas, meninas com maços de flores nas mãos, meninos bonitos com algum animal de estimação e paisagens. A técnica de Rocco sempre foi soberba, suas figuras muito bem construídas, o colorido alegre, a composição equilibrada, o tratamento de grande liberdade, especialmente no segundo plano. Com o passar dos anos, simplificou o estilo e sua paleta tornou-se mais clara.

Rocco voltou para a querida Amalfi em 1921, demorando-se dois anos. Na volta, reabriu seu ateliê, recomeçou a lecionar, o que fez quase até o fim da vida.

Enrico Vio era originário do Norte da Itália (Veneza) e, além de lecionar no Liceu e na Politécnica, sempre pintou. Seus quadros, em geral de pequeno formato, são pouco vistos em nossas coleções particulares. Logo os reconhecemos, tanto pelos pequenos trechos de natureza que focaliza, como pela tinta empastada de massa grossa. Como usa misturar muitas cores, elas ficam opacas, mas a pincelada é vigorosa e o desenho invisível, havendo muita síntese na captação do local.

Depois do término da guerra, mais pintores escolheram São Paulo, como *Manlio Nello Benedetti*, que se radicou entre nós em 1920 e pintou paisagens do litoral, cenas urbanas, trechos de rios sempre preocupado com a hora do dia, focalizando crepúsculos ou cenas claras. *Bigio Gerardenghi* veio pouco mais tarde e, tendo estudado com Palizzi em Nápoles, produziu obras cheias de luz. Fixou muitas cenas de praia povoadas de crianças ou pescadores, o que lhe permitia que usasse uma paleta de cores claras, cheias de contrastes, com um tratamento de notação rápida.

Como vimos, artistas italianos vinham constantemente para São Paulo tendo contribuído para o desenvolvimento das artes não só na cidade como no Brasil todo. É interessante ver os catálogos das exposições que aconteceram e constatar que muito mais da metade dos artistas são italianos ou filhos de italianos. Isso pode ser verificado nas exposições de Belas Artes de 1911 e 1912, bem como na exposição de 1922, por ocasião do Centenário da Independência, realizada no Palácio das Indústrias. Essa mostra se deu no mês de setembro e não deve ser confundida com a da Semana de Arte Moderna, organizada no Teatro Municipal em fevereiro do mesmo ano. No Palácio das Indústrias expuseram 54 pintores, dos quais 35 tinham sobrenome italiano. O Brasil todo festejou essa data, sendo o Rio de Janeiro o local onde todos os estados fizeram seus pavilhões com amostras de arte. Domiciano Rossi e Ricardo Severo foram os responsáveis pela construção do pavilhão paulista.

A colônia italiana era muito bem organizada possuindo clubes, jornais, teatros. Já em 1906 foi publicado um livro impresso em Florença, **Il Brasile e gli Italiani**, no qual podem ser encontrados todos os italianos que tinham alguma atividade de interesse na cidade. Estão lá os pequenos e grandes industriais, donos de loja, artesãos de certo renome, pintores residentes na ocasião. Não havia em São Paulo uma exposição regular de arte e a última coletiva se deu em 1922, daí o sucesso quando a colônia italiana organizou uma grande mostra, em 1928, denominada "Muse Italiche" Patrocinada por Lunardelli, Gamba, Matarazzo e Ramos de Azevedo, e instalada no Palácio das Indústrias, teve participação de cento e dezoito artistas, com trezentas e noventa obras. Fizeram parte do júri Ramos de Azevedo e Leopoldo Silva para escultura; Theodoro Braga, Pedro Alexandrino e Enrico Vio para pintura. Como era de esperar, a grande maioria dos artistas era composta de

italianos como Rocco, Enrico Vio, Volpi, mas participaram também muitos paulistas como Pedro Alexandrino, Lopes de Leão, Paulo do Valle Jr., Helena Pereira da Silva, Bernardino Sousa Pereira, Gastão Worms.

Focalizando a vida dos pintores paulistas do começo do século, notamos que deixaram de freqüentar a Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. Recebiam as primeira noções de pintura em São Paulo com os artistas que se encontravam na cidade, que eram em sua grande maioria italianos. Ao fazermos um levantamento das temáticas pintadas pelos artistas italianos, vemos que gostavam de fixar trechos da cidade e arredores, encantados com nossos recantos humildes. Já os paulistas consideravam esses temas muito pobres, acostumados com as paisagens que tinham pintado na Europa enquanto se especializavam nas Academias. Não devemos recriminá-los por isso, pois os compradores pediam paisagem européia com título em francês. Somente com o efervescer do nacionalismo, com Monteiro Lobato que incentivava aqueles que pintavam cenas brasileiras, é que aprenderam a amá-las. Portanto, podemos afirmar que a maior parte dos quadros da São Paulo de antigamente tem por autor um nome italiano.

A continuarmos a estudar os artistas italianos nos anos que se seguem, veremos que sempre tiveram grande participação no ambiente artístico da cidade, não somente nas correntes mais antigas como nas modernas, bastando citar Volpi, Pennacchi, Zanini.

Abstract: This article describes the presence of Italian artists in São Paulo, between the 19th century and our age, and their contribution to Brazilian painting.

Key-words: Brazilian art, painting, landscape.